

Tales Faria

Lula espera um gesto de Alcolumbre para se entenderem

O ministro das Relações Institucionais, José Guimarães, disse ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) que o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), deseja um encontro entre os dois “para recompor a relação”.

Lula também deseja a recomposição, mas respondeu ao ministro que precisa de um gesto de Alcolumbre em direção ao governo para que esse encontro possa ocorrer. Esse gesto tem a ver com a votação da derrubada da escala semanal de seis dias trabalho por um de folga, a jornada 6x1.

O líder do governo no Congresso, Randolfe Rodrigues (PT-AP), aliado de Alcolumbre no Amapá, garantiu: a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) aprovada na Câmara que estabelece a jornada 5x2 “será votada nesse junho”. Alcolumbre não trabalhará contra e nem retardará a votação, tem dito no Palácio do Planalto.

Mas não está claro para os auxiliares do presidente, ainda, qual o gesto relativo à votação da troca da 6x1 pela 5x2 que Lula entenderá como uma demonstração do interesse de Alcolumbre em se reaproximar do governo o suficiente para marcar o encontro entre os dois.

A relação entre ele e Alcolumbre se deteriorou depois que o presidente do Senado comandou a derrubada pelos senadores da indicação do advogado-geral da União, Jorge Messias, para ministro do Supremo Tribunal Federal (STF). Alcolumbre tem dado sinais desencontrados desde então. Ora diz a interlocutores que auxiliará o governo, ora se aproxima da oposição.

Lula acha que já sofreu “desgastes demais” com a derrota na votação e já anunciou até que pretende

indicar Messias novamente. Ele precisa saber se Alcolumbre tentará impor nova derrota ao governo. Também gostaria de se reaproximar do presidente do Senado. Mas quer saber, antes de se encontrarem, se ao estender a mão não acabará sofrendo novo desgaste.

Para evitar esse tipo de arranhão na sua autoridade o presidente da República desistiu de se encontrar na sexta-feira com um aliado de Alcolumbre, o senador Rodrigo Pacheco (PSB-MG), a quem tinha convidado para se candidatar a governador de Minas Gerais em chapa apoiada pelo governo federal.

Lula pediu ao presidente do PT, Edinho Silva, para sondar se o senador aceitaria e, ao saber que viria uma recusa, deixou o senador esperando pelo encontro a semana inteira. Não marcou nada.

Agora está nas mãos de Alcolumbre a escolha do relator da 5x2 e Pacheco é um dos cotados. Lula pode ficar novamente dependente do senador.

Há, portanto, vários pontos na tramitação da derrubada da jornada 6x1 no Senado em que Alcolumbre pode sinalizar de que lado estará.

O primeiro será após a reunião com líderes nesta semana para discutir a tramitação da PEC: se Alcolumbre enviar o texto imediatamente para a CCJ. O segundo, a escolha do relator. O terceiro, se envia o texto somente para a CCJ, ou se também manda para a Comissão de Assuntos Econômicos (CAE), onde há maior resistência à PEC.

Finalmente, quando Alcolumbre marcará a votação em plenário e se trabalhará pela aprovação do texto como saiu da Câmara, ou por alterações que o façam voltar a nova votação pelos deputados.

Ou seja, há vários momentos para Lula considerar apropriado um encontro de reaproximação.

Fernando Molica

O Tri, uma saga de todos nós

Uma das grandes qualidades de “Brasil 70: a saga do Tri”, série da Netflix e da O2, foi transformar em disputa de ideias e propostas de jogo a oposição entre dois dos grandes responsáveis pelo triunfo em 1970, João Saldanha (interpretado por Rodrigo Santoro) e Mário Jorge Lobo Zagallo (Bruno Mazzeo).

A ditadura, então no seu auge, contribuiu para criar uma dicotomia entre o técnico das eliminatórias — o jornalista e ex-dirigente comunista João — e o que conduziu o time no México, campeão do mundo como jogador em 1958 e 1962. Com o tempo consolidou-se a visão de escalar Saldanha como representante da esquerda e da rebeldia; Zagallo, da direita e da submissão. Ambos foram muito além desses estereótipos, são mostrados de uma maneira ampla, com qualidades e problemas.

A série não omite uma questão pontual e decisiva, a negativa de Saldanha de atender ao pedido do ditador Emílio Garrastazu Médici para convocar Dario, atacante do Atlético Mineiro. Uma sugestão prontamente atendida por Zagallo. Conta também a irritação dos militares ao saber que o militante comunista aproveitava viagens ao exterior para divulgar os crimes que ocorriam nos porões.

Mas a série escapa da armadilha de bem contra o mal. Saldanha foi decisivo ao dar ao time o apelido de “Feras”, ao definir os titulares, ao armar um esquema de jogo que colocava no ataque Jairzinho, Tostão e Pelé, ao garantir a classificação para a Copa. Mas também se envolveu em brigas menores, implicâncias como a que passou a cultivar com o 10 absoluto, o já então Rei.

Zagallo focou no campo, fez alterações no time do antecessor — deu a camisa titular para Brito, recuou Piazza para a defesa, escalou Marco Antônio e depois Everaldo na lateral, entregou a 11 para Rivellino. De acordo com a série, voltou atrás em sua concepção ao barrar Roberto, seu então preferido para usar a 9, e devolver a titularidade a Tostão.

Outro golaço da série — só tive tempo de ver os dois primeiros dos cinco episódios — é dar voz aos jogadores. Interpretado pelo assustadoramente semelhante Lucas Agrícola, Pelé ganha na tela o protagonismo que exercia em campo e nos bastidores.

Mas é possível acompanhar o drama de Tostão, às voltas com o deslocamento de retina no olho esquerdo. As discussões nos bastidores, entre os craques, e entre estes e Zagallo, são muito legais, nos levam para dentro da concentração, dos vestiários. A série também nos remete a um tempo em que os jogadores podiam fazer exercícios nas ruas, em que não havia uma barreira quase intransponível entre eles, os jornalistas e os torcedores; no limite, entre eles e o mundo.

Feita com o indispensável auxílio de recursos de manipulação de imagens, a reconstituição de lances decisivos é emocionante, transmite vibração, permite ao espectador ver outros ângulos de jogadas que, quase 60 anos depois, continuam a embalar nossos melhores sonhos de um esporte que tanto se confunde com nossas vidas, histórias, frustrações, glórias e expectativas de afirmação e soberania. Com direção geral de Paulo Morelli e Pedro Morelli, “Brasil 70: a saga do Tri”, ao tratar da epopeia mexicana, fala de todos nós.

EDITORIAL

Palco do Tetra, EUA também serão do Hexa?

O torcedor brasileiro é, por definição, um crente obstinado. Não importa o tamanho do trauma recente ou a volatilidade do ciclo pré-Copa: quando o ano do Mundial se aproxima, a mística da camisa amarela costuma soterrar o ceticismo. Às vésperas de mais uma jornada em busca do tão sonhado hexacampeonato, a atmosfera que se desenha no país não é apenas de expectativa, mas de uma quase mística comunhão em torno de coincidências históricas que parecem sussurrar que o destino, finalmente, voltou a jogar a nosso favor.

Não se trata apenas de ufanismo cego, mas de uma intrigante rima da história do futebol. O Brasil chega a este torneio carregando o peso de um incômodo jejum de exatamente 24 anos — o mesmo hiato que separou o tricampeonato de Pelé e companhia, em 1970, da redenção de Romário e Baggio na Copa de 1994. O torcedor mais atento, ou simplesmente o mais supersticioso, sabe que o palco escolhido para tentar romper o atual bloqueio é rigorosamente o mesmo: os Estados Unidos.

Em 1994, a Seleção Brasileira desembarcou na América sob desconfiança crônica, carregando o fardo de mais de duas décadas de frustrações. O desfecho

na Califórnia, sob o sol escaldante de Pasadena, redefiniu o orgulho nacional. Agora, o roteiro se repete com uma precisão matemática que desafia a lógica e alimenta a fé de uma nação. Vinte e quatro anos depois do penta na Ásia, os gramados norte-americanos voltam a cruzar o caminho do Brasil.

Para além das tabelas e estatísticas frias, essa coincidência cronológica e geográfica opera como um catalisador psicológico. O povo brasileiro, historicamente castigado por crises socioeconômicas e polarizações desgastantes, encontra na Copa do Mundo um dos raros momentos de trégua e identidade coletiva. Depositar a esperança no “hexa” não é mera futilidade esportiva; é a busca por um rito de passagem, uma catarse necessária.

É evidente que superstição não ganha jogo e que o futebol moderno exige tática, físico e estabilidade mental. Contudo, o peso do manto sagrado cresce quando a história parece conspirar a favor. Se os Estados Unidos foram o solo da reconstrução do nosso orgulho há três décadas, o brasileiro tem todo o direito de acreditar que o passado está pronto para se repetir. Que a matemática dos deuses do futebol se confirme: está na hora de o país do futebol reencontrar a sua maior glória.

Opinião do leitor

Cores da fé

Vem aí mais uma edição da tradicional festa de Corpus Christi na Esplanada dos Ministérios. Neste dia 4 de junho, os grupos jovens das paróquias vão confeccionar os famosos tapetes feitos de areia, serragem e palha de arroz no gramado em frente aos ministérios.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.